

Mundo: é eterno? Análise a partir da doutrina de São Tomás de Aquino

por Paulo Faitanin – UFF



Universo

1. Estado da questão antes de Tomás de Aquino: Os gregos entenderam a eternidade como a duração infinita ou aquilo que é desde sempre. Platão [*Fédon*, 103E] aplica esta categoria de duração às formas. Aristóteles também o admite como duração infinita do movimento circular [*Física*, VIII, 8, 263^a 3]. Denomina o existir ‘desde o princípio’ das coisas eternas [*Metafísica*, IX, 9, 1051^a 20]. Ela é tempo que perdura sempre, que carece de princípio e de fim, e inclui todo o tempo e é duração imortal e divina [*De caelo*, I, 9, 279^a 22-9].

Neste sentido, tudo que é material, corpóreo, sujeito ao movimento, teve um início no tempo e no espaço; portanto, não poderia ser eterno. Para Platão, eternas somente seriam as formas, e, para Aristóteles, as substâncias separadas, que por causa da imaterialidade não estariam sujeitas ao movimento. Deste modo, o mundo material — visível e sensível — não seria eterno.

Os romanos cristãos, S. Agostinho e Boécio, em razão da Revelação, entenderam a eternidade como o que é imensurável pelo tempo e somente pertence a Deus [*Confissões*, XII, 11,11]. S. Agostinho acentua a plenitude do eterno diante da indefinição do meramente perdurável e diante da abstração do simplesmente presente em um momento. É o agora de Deus [*Confissões*, XII, 13,16]. Boécio entende a eternidade como a posse inteira, simultânea e perfeita, de uma vida interminável [*A Consolação da Filosofia*, V]. Nestes termos, segue-se a tradição grega de aplicar-se somente a eternidade ao divino e ao imaterial.

2. Estado da questão em Tomás de Aquino [TA]: Entre as proposições condenadas por Estevão Tempier em 1270, encontrava-se a seguinte: *Quod mundus est aeternus et quod nunquam fuit primus homo* [o mundo é eterno e que nunca existiu o primeiro homem]. TA, já nos comentários às *Sentenças* de Pedro Lombardo, sustentara que Deus poderia produzir algo eterno [*In II Sent.*, d.1,q.1,a.5,c.], e com esta afirmação, ao retornar a Paris, TA se encontrava no olho do furacão. Antes que TA retornasse a Paris [1269], S. Boaventura tornou-se Ministro Geral de sua Ordem.

S. Boaventura, durante os anos de 1267 e 1268, denunciara com vigor em suas pregações os erros que emanavam da Faculdade de Artes, sobretudo a

doutrina da eternidade do mundo, como uma perversão da Sagrada Escritura. O foco da polêmica era a doutrina propalada pelo averroísta Siger de Brabant, o qual, possivelmente apoiado na interpretação de Averróis, afirmava que Aristóteles defendera a eternidade do mundo. Motivado possivelmente pela solicitação de alguns irmãos da Ordem, S. Boaventura promoveu uma intervenção pública sobre o tema, na exposição da tese, à qual seguiam franciscanos como Guilherme de la Mar, com a premissa de que ‘Deus não poderia ter criado algo desde a eternidade’ [*Super Sent.*, II, d.1].

S. Boaventura promoveu, mediante aquela intervenção pública, as disputas quodlibetais, atividade acadêmica característica da Universidade Medieval, ocorrida sempre durante a Quaresma precedente [antes da Páscoa] ou Advento precedente [antes do Natal], e mediante a qual se estudava qualquer questão de interesse ou polêmica; neste caso, a eternidade do mundo.

A tese de Boaventura retoma o que já anteriormente defendia em *Super II Sent.*, 1,1,2. Para ele, o mundo foi criado por Deus no tempo e não desde a eternidade. Pois o conceito de mundo criado do nada e existente *ab aeterno* contém tão grosseira contradição, que não se pode conceber que algum filósofo por medíocre que fosse, possa ter afirmado semelhante coisa. TA tratou deste tema diversas vezes, e em diferentes épocas e obras. Como dissemos nos comentários aos Livros das *Sentenças*, escrito entre os anos 1252-1254, ele havia considerado o tema da eternidade do mundo, afirmando a hipótese de que não contraria a fé católica a idéia da criação *ab aeterno* [*In II Sent.* d.1, q.1, a.5, c.]. Em 1262 dedicaria na *Suma Contra os Gentios* um capítulo à questão da eternidade do mundo, onde sustenta que, além de Deus, não há nada eterno [*C.Gen.*, II, c.38].

Em seguida, em 1268 consideraria o assunto no *De Potentia*, onde afirma que não é impossível que, à parte de Deus, possa existir algo eterno, se considerada a potência ativa de Deus [*De Potentia*, q.3, a.14, c.]. Posteriormente, em 1268 trataria do tema na Primeira Parte da *Suma Teológica*, onde afirma que somente pela fé se sustenta que o mundo não existiu sempre e nem é possível demonstrar este dado pela razão natural. Daí que não se pode demonstrar que o homem, o céu ou a pedra não existiram sempre [*Sum. Theo.*, q. 46, a.2,c].

E, possivelmente, antes do Natal de 1270, tratou brevemente da questão num dos Quodlibetos, no qual sustentou, sem se referir às posições anteriores, que o mundo não é eterno segundo a fé católica [*Quodlibet.* 12, a.7]. E, finalmente, a sua última contribuição se deu no *De aeternitate mundi*. Neste breve e polêmico opúsculo, TA sintetiza a sua doutrina. TA sabe muito bem que Aristóteles não rejeita completamente a hipótese da eternidade do mundo. Por isso, procura guardar a maior fidelidade possível ao aristotelismo, traçando, ao



mesmo tempo, uma distinção bem definida entre o aristotelismo por ele defendido e o averroísmo latino propalado, sobretudo, na Faculdade de Artes de Paris.

Por esse motivo, ele prova inicialmente a inconclusividade dos argumentos em favor da eternidade do mundo; e assim abre espaço para o dogma e separa-se do averroísmo. Em seguida, passa a demonstrar que os argumentos favoráveis à temporalidade do mundo são igualmente inconclusivos; e assim, abre lugar ao aristotelismo, distanciando-se do agnosticismo.